

MULTICULTURALISMO E INTERCULTURALISMO: IGUALDADE E DIFERENÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Eliana Lourenço de Souza¹
Jucinara Ferreira Alves²
Ana Carolina de Aguiar Braga³
Gilma Alves Ferreira⁴

RESUMO

As diferenças ocorridas no dia a dia das salas de aula e em sociedade vêm sendo motivo de reflexão, pois, a cada dia as pessoas estão se tornando mais intolerantes e com isso, evidencia-se a rejeição para com o outro. É inegável a importância do debate sobre o multiculturalismo e interculturalismo no âmbito educacional, pois nos deparamos cotidianamente com a diferença do outro e suas especificidades. É preciso aprender a respeitar as diversas culturas que existem no nosso país, já que a história do Brasil é marcada pela sua Interculturalidade e suas raízes diferenciadas. Entretanto, vem se tornando cada vez mais recorrente os relatos trágicos e dolorosos ocasionados por pessoas que não suporta o outro, não respeita suas diferenças. O respeito vem sendo substituído pela intolerância. O objetivo deste artigo é abordar os temas Interculturalidade e o multiculturalismo, A partir de uma pesquisa bibliográfica será especificado a importância da relação do “nós” e o “outro” na atualidade. Para chegarmos à constatação dos resultados, foram utilizados textos da autora Vera Maria Candau e através de discussões ocorridas em sala de aula, correlacionando com acontecimentos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Interculturalismo, Multiculturalismo, Cultura.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordado o Interculturalidade e o multiculturalismo, temas abordados durante as aulas de Direitos Humanos, Diversidade e Inclusão. Para tanto, será usado como base teórica os textos “Reinventar a Escola” e “Direitos Humanos Diversidade Cultural e Educação”, ambos da professora Vera Maria Candau. Em sua obra, a autora vem desmistificar alguns conceitos, pois acredita-se que o Multiculturalismo e a Interculturalidade são sinônimos, quando na verdade, os conceitos são distintos.

A palavra Multiculturalismo significa a presença de muitas culturas, as quais vivem em uma mesma sociedade, tendo variados interesses. Já o interculturalismo, permite a deliberada inter-relação entre as culturas. Nela, orientam-se os processos que buscam o reconhecimento do direito à liberdade e a diversidade. Contudo, a Interculturalidade luta pelo

¹Graduanda pelo Curso de Pedagogia Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, elianalousouza13@email.com;

²Graduanda pelo Curso de Pedagogia Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, juciferreira206@email.com;

³Graduanda pelo Curso de Pedagogia Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, ana17red@gmail.com;

⁴Graduanda pelo Curso de Pedagogia Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, gilmaaf_28@hotmail.com.

direito à diversidade social e buscam promover a igualdade entre as pessoas e grupos pertencentes a diversas culturas, desta forma, pode-se dizer que sua intenção é evitar conflitos entre culturas, promovendo uma relação democrática e dialógica entre elas.

Na sociedade em que vivemos nos deparamos com grandes avanços em relação ao direito do outro, em contrapartida, vivenciamos um grande retrocesso em relação a ele. A partir disso, Será feita uma reflexão acerca dos temas que a autora traz em seus textos, bem como, as diferentes abordagens de autores engajados em denunciar as violações e a afirmação dos direitos.

A partir das discussões feitas em sala durante as aulas de Direitos Humanos, viu-se a necessidade de observar os conflitos entre o “nós” e os “outros”, e de que forma isto se dá na contemporaneidade, além de se repensar também, de que forma respeito à diversidade e as diferenças estão sendo trabalhadas em nossas salas de aula, fazendo uma correlação entre os fatos de extrema violência ocorridos no Brasil e na Nova Zelândia.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, o mesmo traz uma discussão acerca da importância da relação do “nós” e o “outro” na contemporaneidade, ao respeito à diversidade e as diferenças do outro, correlacionando fatos ocorridos no Brasil e na Nova Zelândia com a teoria. Esta modalidade de pesquisa tem por objetivo averiguar o que já foi discutido em sala de aula, por meio de referenciais que tratam do mesmo tema. De acordo com Boccato, (2006, p. 266),

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. (apud. PIZZANI et.al. 2012. p.53).

A Disciplina Direitos Humanos Diversidade e Inclusão, oferecida pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus I (Campina Grande), no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia teve por principal objetivo, mostrar a diferença entre Educação Em Direitos Humanos e Educação Para Direitos Humanos. A primeira trata-se da parte epistemológica, como deve expressar-se na educação, no currículo, metodologia e etc. Já a segunda mais voltada para sensibilização profissional, ou seja, para a formação docente, como o conhecimento de todos como “sujeitos” de direito pode ser efetivada e concretizada na prática.

Multiculturalismo: seu histórico e suas diferentes abordagens

A perspectiva do multiculturalismo surge inicialmente nos EUA, por diversas razões, ideológicas, culturais, sociais e políticas, com o movimento negro pela necessidade dos mesmos serem vistos como atores sociais. Segundo Candau (2007), esta perspectiva busca atender diferentes culturas utilizando diferentes abordagens e metodologia, esta é uma proposta única que se adapta a diferença, nesta, a proposta já está pronta, pois é de caráter global, e será modificada de acordo com as diferenças encontradas, deixando de lado a educação voltada para o monoculturalismo que busca atender a demanda cultural das classes médias, no qual o currículo, conteúdos, as práticas são padronizados para atender suas necessidades, pouco se mostra a cultura popular.

O multiculturalismo possui diferentes abordagens, por esta razão, ainda há grande dificuldade em se aprofundar nesta questão. Deste modo, é necessário caracterizar tais abordagens. A primeira seria a abordagem Assimilacionista, esta entende que na sociedade não se tem oportunidades iguais para todos, pessoas de determinados grupos não têm acesso às mesmas oportunidades de bens e direitos assegurados, estes são inseridos dentro da cultura hegemônica, em que há uma universalização do ensino, em que todos são evocados a entrar no sistema escolar, porém, não se questiona o seu caráter monocultural, visando apagar as características dos “diferentes” e deslegitimar “dialetos, saberes, línguas, crenças valores “diferentes”, pertencentes aos grupos subordinados” (CANDAU, 2010, p. 220).

A segunda abordagem, intitulada de Multiculturalismo Diferencialista, parte do pressuposto que “quando se enfatiza assimilação, termina-se por negar a diferença ou por silenciá-la” (CANDAU, 2010, p. 220), deste modo, esta abordagem enfatiza o reconhecimento destas diferenças, de modo que garanta a livre expressão das diversas identidades culturais existentes. Já o Multiculturalismo Interativo ou Interculturalidade, esta entende a cultura como um processo contínuo, o qual está em constante reconstrução, no que se refere ao âmbito educacional, esta perspectiva busca “uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais” (CANDAU, 2010, p. 223).

Interculturalismo desafios da Educação intercultural

Segundo Candau, o interculturalismo é visto como uma perspectiva que busca reconhecer e valorizar a diversidade cultural, abordando questões sobre igualdade de direitos, questionando questões como etnocentrismo, além de questionar o currículo e “coloca questões radicais que tem a ver com o papel da escola hoje e no próximo milênio” (CANDAU, 2007, p.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

59). Esta visa à prática a partir da diferença, ela faz o caminho inverso da primeira perspectiva, pois busca organizar seu currículo a partir das diferenças, na qual reconhece a diferença do outro e faz disso a base para sua proposta.

Reconhecer as diferenças é o primeiro passo para a conquista de uma educação intercultural, lembrando que, dentro desta perspectiva o (re)conhecimento das diferenças tem o papel de integra-las e não de anula-las, de acordo com Candau (2008) “A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade” (p.54).

A Educação intercultural deve antes de tudo visar não só promover convivência harmônica entre as diversas culturas, mas sim, oportunizar a troca de experiências entre os mesmos, além de possibilitar o aniquilamento de preconceitos e estereótipos de criados pela sociedade. Segundo Candau (2009), a educação na perspectiva do interculturalismo não deve ser pautada na realização de atividades isoladas em determinados momentos ou englobando apenas um grupo social.

Infelizmente, ainda nos deparamos com uma educação pautada em um caráter monocultura, cercada de questões sociais, políticas, ideológicas e econômicas, e para alcançarmos uma educação verdadeiramente intercultural. De acordo com Estermann (2013, p. 208, *apud* TAVARES, 2014, p.187), “Se pretendemos alcançar uma educação verdadeiramente emancipatória, libertadora e descolonizadora, o discurso da ‘interculturalidade’ deverá passar, necessariamente, por uma teoria intercultural crítica da descolonização”.

Igualdade e diferença na contemporaneidade

Nos dias atuais, há uma grande dificuldade de quando se trata de igualdade e diferença, por vezes, quando se afirma a igualdade, parece haver uma negação de que o “diferente” existe, por outro lado, ao reconhecê-las parece que a legitimação da desigualdade. Ainda nos deparamos mais com as tentativas de padronizar do que igualar a sociedade, pois quando falamos em igualdade, nos referimos aos direitos, porém, o que se tem feito é uma tentativa de padronizar uma sociedade negando suas culturas, e suas diferenças. Quanto a isso Candau (2010) afirma:

[...] a igualdade entre pessoas e grupos, muitas vezes parece negar as diferenças ou silenciá-las. Por outro lado, reconhecer as diferenças, em muitas situações, é visto como legitimar desigualdades ou enfraquecer a luta por superá-la. Esta tensão está

presente na sociedade como um todo e se revela de modo essencialmente agudo no campo educacional. (p.215).

Sabemos que, nesta tentativa de uma falsa igualdade acaba prejudicando ou inferiorizando grupos historicamente excluídos, são eles negros, indígenas, etc. Uma solução posta pelos autores da democracia, seria colocar a ênfase nas questões relativas à igualdade e eliminar ou relativizar as diferenças. Porém, sabemos que esta visão poderá colocar o “diferente” numa situação de inferioridade, e conseqüentemente ferirá o seu direito de ser quem é obrigando-a se “refazer” em outro grupo. Desta forma, a educação para os direitos humanos tem grande importância no papel de promover o respeito, para que possamos desconstruir os conceitos pré-definidos por nós mesmos, e assim aproximarmos do ‘outro’ em sua totalidade.

Casos ocorridos na atualidade vêm nos fazer refletir sobre o papel da sociedade em tragédias causadas pela intolerância, seja ela, religiosa, étnico-racial, de gênero e etc. Um exemplo que podemos citar é o ocorrido em Março deste ano na Cidade de Suzano no Rio de Janeiro, o qual dois jovens armados, invadiram uma escola, e acabaram matando cerca de sete pessoas. Segundo relatos, um dos atiradores de apenas 17 anos, havia dado sinais de qual era o seu objetivo, mas foi ignorado ou por muitos, nem vistos. O mesmo era de uma família reservada, que pouco se via na vizinhança, há suspeitas que ele sofresse Bullying, sua mãe era ausente, sua avó falecida a alguns meses. O outro jovem de 25 anos, era o mais novo de três irmãos, tinha que trabalhar com capinagem, serviços gerais e limpeza de entulho para sobreviver, juntamente com o seu pai, o mesmo vem de uma família humilde. Segundo relatos, o menor e ele, sempre conversavam o que supostamente seria o planejamento do ato.

As investigações a respeito do caso apontam que os jovens envolvidos no massacre faziam parte de Fóruns anônimos, conhecidas como “chans” criados na deep web e dark web, os locais mais obscuros da internet. Inicialmente estes “chans” foram criados com outros objetivos, tais como tópicos de jogos e animes, porém, por serem locais de difícil acesso até mesmo pelas autoridades, indivíduos com ideias extremistas tiram proveito desta “segurança” (já que não há necessidade de se ter cadastro ou se identificar), e os utiliza para promoção do ódio contra mulheres, negros, imigrantes e etc., e disseminação de seus ideais e crenças, tidos por eles como verdades absolutas. Estes locais que além de ilegais são segundo Alecrim (2019):

[...] ambientes tóxicos, que além de fomentar ideologias absurdas, celebram as barbáries. Notícias sobre feminicídios ou agressões a homossexuais, por exemplo, costumam ser comemoradas; autores de atentados são considerados heróis e, se morrem, viram mártires, embora também possam ser criticados se não tiverem feito um número maior de vítimas (ALECRIM, 2019).

Sabe-se que pessoas que frequentam estes tipos sites são pessoas com perfis semelhantes, geralmente são jovens, extremamente tímidos, com autoestima baixa e dificuldade de lidar com frustrações (segundo relatos, perfil do jovem que teria planejado o massacre na escola). Características estas, que os tornam pessoas facilmente influenciáveis e que se submetem a prática de barbáries como a citada para terem um status ou até mesmo para tentarem encontrar “seu lugar” na sociedade.

Além do caso ocorrido em Suzano, mais um caso de violência que pode ser considerado é o que aconteceu na Nova Zelândia, o qual um jovem de 28 anos, deixou 49 mortos em duas mesquitas e transmitiu tudo ao vivo por uma rede social, assim como no massacre já mencionado, este também foi o planejamento antecipadamente, e autor recebeu apoio destes grupos extremistas. Em outros casos semelhantes como o da Escola em Realengo no Rio de Janeiro em 2012, também já se sabe que o jovem que cometeu o crime, também recebeu apoio destes grupos de ódio.

Fatos como estes, evidenciam que cada dia mais o “outro” está sendo visto como o problema percebe-se que na sociedade atual, há uma extrema dificuldade em aceitarmos a diferença e a particularidade de cada um, o que acaba por gerar o sentimento de intolerância, inferiorização e infelizmente de ódio. Por diversas vezes praticamos a exclusão sem ao menos nos dá conta, e nos esquecemos de que cada um possui sua essência e sua maneira de ser e agir no mundo, desta forma, acaba-se por negar a subjetividade do outro e constrói-se a ideia do “outro como fonte de todo mal” (CANDAU, 2010. p.210), por esta razão representa uma ameaça à cultura que se tem como “verdade absoluta” e por esta razão deve ser excluído, subjugado ou até mesmo exterminado.

Embora vivamos em um mundo marcado pela diversidade cultural, ainda tem-se a ideia de que o ‘nós’ são “todas aquelas pessoas e grupos sociais e que têm referenciais semelhantes aos nossos, que têm hábitos de vida, valores, estilos, visões de mundo que se aproximam dos nossos e os reforçam” (CANDAU, 2010. p.210), em que se adota uma perspectiva etnocêntrica marcada pela intolerância em que não se leva em consideração a essência de cada um, e suas diferentes formas de ser e estar no mundo.

Por muitas vezes, buscamos fechar os olhos para os sinais que o outro nos dá, pois acreditamos que o que acontece com ele, a culpa é apenas dele, nos abstermos de qualquer responsabilidade para com o mesmo. Isto acontece, pois como posto na discussão feita por Candau, temos a tendência de julgar o “outro” como bom ou ruim, que a responsabilidade e consequências é apenas dele mesmo. E infelizmente, estamos vivenciando uma época em que a humanidade presencia o ódio sendo disseminado em discursos voltados para denegrir a

imagem daquele tido como “diferente”, culpabilizando quem muitas vezes é apenas vítima de uma sociedade excludente, preconceituosa e taxativa, discursos estes que são frequentemente propagados por pessoas que deveriam promover a paz e a busca do bem comum. Ainda acredita-se que a violência é o melhor caminho e que a culpa por essa violência é só de quem a pratica, desconsiderando todo o seu contexto social, e suas respectivas responsabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi tratado durante os textos, percebe-se que a relação entre “nós” e o “outro” passa por uma fase de desenvolvimento que mostra-se inacabada e em constante modificação, prejudicando na maioria das vezes o “outro”, aquele que não faz parte do nosso convívio, e de nossa cultura, desta forma, temos grande chance de inferiorizar o “outro” pelo simples fato de não ser igual a nós. É inevitável que haja alguns retrocessos na aceitação do outro. Entretanto, a Interculturalidade e o multiculturalismo vem propor uma ponte para diminuir esta desigualdade e as diferenças sociais e promover a valorização das especificidades de cada um, visando o reconhecimento da importância das diferentes culturas, bem, como papel de cada uma na formação da nossa sociedade, desmistificando a existência de uma cultura superior ou inferior à outra e que cada um de nós com nossas particularidades temos grande importância na construção de um mundo melhor e mais igualitário.

Cabe a nós, termos consciência e entendermos que é indispensável o respeito à singularidade do outro, e compreender que cada um tem sua maneira de ser e sua cultura, independente de quaisquer aspectos citados, todos têm o direito assistido por lei de se expressar e o de ser protegido e respeitado por ser quem é.

É de grande relevância evidenciar os aspectos culturais do “outro” estimulando a compreensão, a colaboração e o respeito pelas diferenças. E também percebermos, qual o papel do professor na diminuição das desigualdades geradas no contexto atual e que o âmbito educacional é sem dúvida alguma o ambiente ideal para desenvolver desde bem cedo, a consciência e a valorização de si mesmo e do outro em sua totalidade.

REFERÊNCIAS:

ALECRIM, Emerson. O que são os chans da deep web e por que eles são associados a massacres. In: **Tecnoblog**. 19/03/2019 às 18h25. Disponível em:

<https://tecnoblog.net/282688/foruns-chans-deep-web-massacres/>. Acesso em: 22 de Março de 2019.

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação escolar. In: _____, **Reinventar a escola**. 6ª edição – Petrópolis: Vozes, 2007. p.47 – 60.

_____, Direitos humanos, diversidade cultura e educação: a tensão entre igualdade a diferença. In: FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares; DIAS, Adelaide Alves (organizadoras) **Direitos humanos na educação superior: subsídios para educação em direitos humanos na Pedagogia**. João Pessoa: Editora Universitária as UFPB, 2010. p. 205 – 227.

PIZZANE, Luciana; et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Rev. Dig. Ci. Inf., Campinas, 2012. v.10, n.1. p. 53 - 66.

TAVARES, Manuel. Culturas e Educação: a retórica do multiculturalismo e a ilusão do interculturalismo. In: **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 11, n. 25. 2014. P.164 – 190.